

DESVENDANDO OS PORQUÊS

REVEALING THE WHYS

Luiz Roberto Wagner¹
Djenane Sichieri Wagner Cunha²

RESUMO

Em qualquer gênero textual a ser desenvolvido, empregam-se os porquês. Todas as gramáticas normativas da língua portuguesa apresentam, sistematizadas, as quatro formas desse vocábulo. Como as pessoas encontram dificuldades para aplicar esses termos, procuraremos expô-los, de forma sucinta e exemplificada, a fim de que todos os indivíduos possam produzir textos de acordo com o padrão culto da língua portuguesa.

Palavras-chave: Classe Gramatical. Sintaxe. Conectivo. Conjunção. Idioma.

ABSTRACT

In any textual genre developed it is used the whys. All normative grammars of the Portuguese language feature, systematized, the four forms of the term. How do people find it difficult to apply these terms, we will try to expose them succinctly and exemplified, so that all individuals can produce texts according to the standard service of the Portuguese language.

Keywords: Grammatical class. Syntax. Connective. Idiom or Language.

INTRODUÇÃO

A coleção especial de vídeos, em seu vol.1, FILOSOFIA & PSICANÁLISE, apresenta a capa *Por quê? Tudo começa por essa simples pergunta*. Os autores

1. Pós-doutor em Linguística pela Unesp de Araraquara-SP. Professor da Uniesp-Taquaritinga.

2. Doutora em Língua Portuguesa pela PUC-SP.

inscrevem corretamente esse porquê, visando a desvendar o que essas duas ciências têm em comum.

Toda vez que se trata de grafia de palavras ou de dúvidas de língua portuguesa, logo vem à tona o emprego dos **porquês**. Há quatro formas, cada qual com um uso específico. O mais importante é não se deixar enganar pela solução tradicional e superficial de saber “qual é o da pergunta e qual é o da resposta”.



Figura 1. Os quatro “porquês” em uma só tirinha.

Fonte: <https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/posts/726069677407006>.

Vale notar que, atualmente, os autores de histórias em quadrinhos preocupam-se com vários aspectos gramaticais. Na tira acima, com correção, criatividade e perspicácia, o autor empregou as quatro formas dos porquês.

Vamos discriminar todas essas formas, procurando orientar o leitor para as classes gramaticais que as formam.

1. Por que (em duas palavras)

Por que = pelo qual (ou variações)

Neste caso, há sempre um substantivo anteposto (claro ou subentendido); pode ser simplesmente a preposição POR ao lado do pronome relativo QUE.

A transportadora **por que** os livros serão enviados definiu sua rota de entrega.
(Por que = pela qual)

Não há **por que** reclamar. (= não há motivo pelo qual reclamar.)

Por que (= por que motivo)

A forma **POR QUE** pode ser identificada substituindo-a por “por qual motivo, por qual razão”.

“**Por que** construí Brasília”: esse é o título do livro. (**Por que** = por que motivo)

“Vim nu à terra e nu irei para debaixo dela. / **Por que** canseiras vãs se o fim é só nudez?” (Palavras de Alexandria, poeta grego, séc. IV)

“Estavam cavando um túnel subterrâneo e usando ripas das camas para escorá-lo. A prensa de lagar, disse o carpinteiro, iria explicar para qualquer alemão desconfiado **por que** estavam desaparecendo ripas de todas as camas.” (Don e Petie Kladstrup)

Nesse caso, pode vir em final de frase ou, então, antes de pausa forte. Sendo assim o **quê** é tônico; por isso recebe acento circunflexo.

Você não veio mais cedo, **por quê**?

Antes de entender **por quê**, queria que não houvesse um **porquê**.

Por que (= por qual)

Você sabe **por que** estrada eles foram? (por que = por qual)

Eles substituíram a professora **por que** pessoa? (por que = por qual)

Em *Memórias de um Sargento de Milícias*, Manuel Antônio de Almeida emprega corretamente essa locução: “Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra uma certa pessoa, com quem, sem saber **por que**, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios.”

Muitas vezes, renomados autores também se enganam ao empregar...

“Nunca é tarde para aprender alguma coisa a respeito dos outros e de si mesmo.

Sempre impliquei com o fato de existirem pobres e milionários, e muitas vezes me perguntei porque (sic) não era milionário.” (Carlos Heitor Cony, Folha de S. Paulo).

2. Porque (em uma só palavra)

A forma **PORQUE** pode ser substituída por algum termo que denote explicação ou causa, como *pois, uma vez que, já que*. Independe se aparecer em uma pergunta ou resposta. Nesse caso, pode ser conjunção ou palavra denotativa de realce.

Venha, **porque** fazemos questão de sua presença! (conjunção)

Ainda temos bastantes dúvidas **porque** faltou aprendizado em uma fase mais madura da vida. (conjunção)

Porque ele chegou tarde você também acha que pode chegar?

“Quando todos pensam da mesma forma, é **porque** nenhum pensa grande coisa.” (faz parte da locução denotativa de realce)

“O fim da vida é a morte, mas o homem não vive por causa da morte. Ele vive **porque** é uma essência vital; e ele não pensa por causa de um resultado qualquer, mas **porque** é uma essência pensante, isto é, meditativa.” (Hannah Arendt, filósofa norte-americana nascida na Alemanha.)

Observe as duas frases a seguir:

- a) Sabemos **porque** fomos informados.
- b) Sabemos **por que** fomos informados.

No primeiro caso, o sentido é “Sabemos, pois alguém nos informou.” Está-se apresentando a causa de se saber.

No segundo caso, o sentido é: “Sabemos por qual razão nos escolheram para receber a informação.” Está-se dizendo o que se sabe, o complemento do verbo saber.

3. Porquê (= substantivo, significa o motivo, a razão)

Aprendendo um **porquê**, podemos aprender todos os **porquês**.

Em breve entenderemos o **porquê** de termos tantas dúvidas.

(o **porquê** = o motivo)

Em entrevista ao Papa Francisco (Revista Época, 23 dez. 2013), questionado sobre crianças seriamente doentes, o líder da Igreja Católica respondeu: “Quando passo por uma criança que está sofrendo, a única oração que me ocorre é a oração do ‘**porquê**’. **Por que**, Deus? Ele não me explica, mas posso sentir Seu olhar para mim.”

“Madame Maria Hugel, contudo, tinha preocupações mais imediatas. Três semanas após a anexação, ela recebeu ordens para se apresentar ao quartel-general alemão. Ninguém sabia ao certo o **porquê**, embora não fosse segredo que as autoridades estavam contrariadas com a recusa de Monsieur Hugel a ingressar no Partido Nazista.” (Don e Petie Kladstrup)

4. Outros idiomas

Será que a língua portuguesa complica um pouco mais o emprego dos **porquês**?

Se tomarmos como exemplos o inglês e o francês, teremos apenas dois termos para a sua aplicação. O inglês traz WHY para as perguntas e BECAUSE para as respostas:

— **Why** do you want eat meat?

— **Because** I’m hungry.

Se for usar o substantivo **porquê**, a língua inglesa o substitui naturalmente por motivo ou razão.

O francês, de origem neolatina como o português, oferece também POURQUOI para as perguntas e PARCE QUE para as respostas. Utilizando o mesmo conteúdo do diálogo acima, teremos em francês:

- **Pourquoi** tu veux manger de la viande?
- **Parce** que j'ai faim.

Haveria necessidade de uma pesquisa profunda, para analisar se essa simplificação ocorre também em outros idiomas, ou são mais complexos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ressaltar que os sinais de pontuação estão inter-relacionados à sintaxe, notadamente a vírgula.

Segundo Wagner (2007), a vírgula separa orações coordenadas sindéticas, com a conjunção no início da oração: “Não bota o meu nome no meio, porque vai dar grilo.” (Carlos Drummond de Andrade). A oração subordinada adverbial é separada por vírgula, principalmente quando anteposta à oração principal: Porque não choveu, todos ficaram frustrados.

Em toda situação de escrita, qualquer pessoa precisa saber empregar corretamente os porquês, necessidade premente da norma culta da língua portuguesa.

Quer expresse relação de causa (A menina chorou porque apanhou da mãe.), quer expresse explicação (A menina chorou, porque seus olhos estão vermelhos.), esse elemento linguístico sempre é muito importante como fator coesivo, não somente para a produção de textos literários e jornalísticos, como também para os artigos científicos.

REFERÊNCIAS

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: IBEP/Nacional. 2010.

KLADSTRUP, D. e P. **Vinho & Guerra**. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

SACCONI, L. A. **Nossa Gramática** – teoria e prática. São Paulo: Atual, 1999.

WAGNER, L. R. **Pontuação!? Uma vírgula!** São Paulo: All Print, 2007.